

sessões do
MAGINARIO

ano XVII | n28 | 2012/2



11

O trabalho como meio de ascensão social para mulheres bem sucedidas profissionalmente

Janaina Cruz de Oliveira¹



Resumo:

Com vistas a entender o processo receptivo de revistas femininas por mulheres bem sucedidas profissionalmente, foram realizadas quatro entrevistas em profundidade buscando como cada uma das leitoras entendia o trabalho em suas vidas a partir da autodefinição de 'bem sucedida profissionalmente'. Além de explorar a trajetória profissional das leitoras, a entrevista buscou seus históricos familiares de trabalho, com o objetivo de entender a mediação familiar na vida e nos conceitos de carreira/profissão. Os resultados apontam para uma forte influência familiar no sucesso profissional e educacional de cada uma delas, destacando a ascensão social conquistada através do trabalho.

Palavras Chave:

Trabalho/profissão/carreira; Mulheres bem sucedidas; Referência Familiar.

Abstract:

Viewing comprehension of the reception process of women's magazines by professionally successful women, we performed deep interviews with four women, searching for how each of the readers saw work in their lives, though a self-definition of 'professional success'. Besides exploring the professional trajectory of the readers, the interview seek their family work histories, looking to understand the family intermediation on the readers take on life and their professional conceptions. The results point to a strong family influence in the professional and educational success of each of them, particularly in the social ascension achieved through work.

Keywords:

Work/profession/career; successful women; family references.



A pesquisa que deu origem a este trabalho buscou entender a relação entre mídia e audiência, através de um estudo de recepção com quatro mulheres bem sucedidas profissionalmente que leem revistas femininas. Aqui detalhamos parte da pesquisa empírica, mais especificamente no que tange a influência e o histórico familiar de trabalho na autodefinição das leitoras sobre o *ser bem sucedida profissionalmente*. As entrevistadas Lua, Africana e Fernanda visivelmente se destacam pelo acesso ao ensino superior, o que lhes possibilitou o sucesso profissional, realidade que não foi vivida pelos seus pais. Em Bianca a ascensão ocorreu na geração dos pais com relação aos avôs. Dessa forma, podemos entender que para todas as entrevistadas a profissão aparece como um meio de ascensão social geracional em suas famílias.

Trabalho, sociedade e cultura

Hoje, uma das principais características da mulher dita “moderna” está atrelada a vida profissional, mais especificamente ao que estamos chamando nesta pesquisa de um estágio de ser, ou estar, “bem sucedida profissionalmente”. Falar em mulheres no mercado de trabalho subentende-se falar em uma sociedade moderna, de certa forma evoluída, atual. Porém, falar em mulheres que trabalham é falar da origem do homem, porque as mulheres sempre trabalharam, “apesar de as atividades femininas terem sido sistematicamente depreciadas ou ignoradas desde os primórdios da humanidade” (Lipovetsky, 1997, p.210).

“Ao longo da história, homens e mulheres contribuíram para produzir e reproduzir o mundo social que os cerca” (Giddens, 2005, p. 315). Isso quer dizer que não foram exatamente os trabalhos que se tornaram femininos e nem masculinos, não fomos homens e nem mulheres que, de maneira simples, passaram a pensar de forma diferente as

divisões do trabalho. Esta questão salienta, nesta pesquisa, a importância da cultura. Ao longo da história os acontecimentos, as necessidades, os desejos, a economia, a religião, tudo influenciou a cultura do trabalho, ou seja, mudaram os valores sociais atribuídos às atividades masculinas e femininas. O trabalho remunerado sempre foi uma esfera predominantemente masculina, não exatamente o trabalho em si, pois as mulheres sempre atuaram ativamente na sociedade. Mesmo sem uma remuneração, as mulheres sempre exerceram funções na esfera doméstica. As culturas vividas foram tão fortemente tatuadas na sociedade, que hoje falar em um fenômeno de revolução do trabalho feminino, ou mulheres no mercado de trabalho, implica em falar em “uma das transformações mais importantes que ocorreram na sociedade moderna” (Giddens, 2005, p. 316), ou um marco que instituiu-se como um novo “ciclo histórico nas sociedades democráticas: o da mulher trabalhadora” (Lipovetsky, 1997, p. 200).

Uma das épocas em que o trabalho das mulheres constituiu importante preocupação foi o século XIX, que viu as mulheres trabalharem como operárias nos estabelecimentos industriais. Segundo Évelyne Sullerot (1970), ver uma mulher numa fábrica era um espetáculo desolador, o termo operária era herético para a época. Além disso, pode-se pensar que os operários temiam a concorrência, por isso hostilizavam as operárias. Um exército de mulheres nas fábricas ocasionaria, inevitavelmente, uma diminuição dos salários (Perrot, 2007, p.119). “As carreiras masculinas só se abriam às mulheres, em certa medida, quando tivessem perdido algum do seu prestígio ou poder” (Sullerot, 1970, p.38).

Lipovetsky (1997) afirma que até o início do século XX os índices de mulheres que trabalhavam fora de casa eram muito baixos, em

todas as classes sociais. Este é um dado importante, porque expunha as trabalhadoras, humilhava-as socialmente. O valor social feminino para a época era ser dona-de-casa, estar em casa, no seio da família, cuidado dos filhos e do marido, e não ser operária ou faxineira:

O trabalho das mulheres nas fábricas está associado à devassidão sexual e à degenerescência da família, é considerado degradante e contrário à vocação natural da mulher. Junto da burguesia, o trabalho assalariado causa horror porquanto e um sinal de pobreza. Mas nem sempre se considerava o estado de mulher como incompatível com a condição de assalariada; na classe operária não é visto como desonroso o fato de uma jovem contribuir para o rendimento familiar (Lipovetsky, 1997, p. 200).

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) a falta de mão de obra exigiu que as mulheres ocupassem cargos de competência dos homens. Quando os soldados voltaram da guerra, voltaram a seus postos, porém os padrões pré-estabelecidos haviam sofrido mudanças. Gradativamente, a partir disso, a força de trabalho assalariada feminina não parou de aumentar. A operária, a trabalhadora humilde que tem que ganhar a vida, é, então, encarada como uma concorrente pelo trabalhador, o que é paradoxal na medida em que ela viu sua situação deteriorar-se e é muito mal paga, em relação aos homens (Sullerot, 1970, p.36).

No contexto do feminismo², as operárias são símbolo da opressão e da luta por melhores condições de trabalho para as mulheres. O dia internacional da mulher, definido e comemorado no dia 8 de março, por exemplo, foi criado pela Unesco³, em homenagem à 129 operárias queimadas vivas em uma fábrica, durante uma

greve em Nova York, em 1857. Perrot (2005) lembra que as mulheres estiveram também em outro setor, posterior ao operariado: os escritórios. Segundo a autora, a imagem da operária continuou a ser repulsiva, a antítese da feminilidade. Sob a aparência graciosa da datilógrafa, eis que avança o proletariado dos tempos modernos. “Não será a fábrica, mas o escritório que devorará a Dona-de-casa.” (Perrot, 2005, p. 195).

Em Sullerot (1970), fica evidente que ser uma trabalhadora doméstica não tem o mesmo valor que ser uma advogada ou médica, porque por muito tempo se fortificou a ideia de que a questão do trabalho das mulheres só existe na opinião pública na medida em que esse trabalho se apresente sob formas e condições que se aproximem das que são consentidas aos homens. Após a Revolução Industrial, com o deslocamento em massa dos homens para as fábricas, as mulheres acabaram sendo associadas aos valores domésticos. “A ideia que o ‘lugar de mulher é em casa’ trouxe diferentes implicações para as mulheres em diversos níveis da sociedade” (Giddens, 2005, p. 316), porque as mulheres muito pobres precisavam trabalhar e acabavam sendo babás ou empregadas domésticas. Uma mulher só precisaria trabalhar quando o marido não conseguia prover às necessidades da família, começava aí o “culto da mulher no lar” (Lipovetsky, 1997, p. 200). A mulher restrita ao trabalho doméstico, em termo de reconhecimento efetivamente como um trabalho, era “invisível” por suas atividades. O “trabalho de verdade”, aquele realizado fora de casa, era o que garantia um pagamento direto (Giddens, 2005, p. 324). Perrot (2007) reafirma que as mulheres sempre trabalharam de maneira invisível, porém este trabalho sempre foi importante para a sociedade:

Seu trabalho era da ordem do doméstico, da reprodução, não valorizado, não remunerado. As sociedades jamais poderiam ter vivido, ter-se reproduzido e desenvolvido sem o trabalho doméstico das mulheres, que é invisível (Perrot, 2007, p.109).

Convencida de que “nunca as mulheres escaparam ao trabalho, e jamais dele poderão escapar” (Sullerot, 1970, p.16), a autora refere que o trabalho nem sempre foi um “valor”⁴, principalmente o trabalho feminino, porém não basta apenas ocupar um lugar na história dos trabalhadores, é necessário que essa atividade seja reconhecida e honorificada. As mulheres sempre foram indispensáveis, através do seu trabalho, para a sociedade, porém “jamais, em qualquer época, o trabalho exclusivamente reservado às mulheres lhes deram prestígio na sociedade” (Sullerot, 1970, p.22). As mulheres foram privadas de reconhecimento pela própria sociedade que ajudaram a construir.

Na atualidade, o trabalho em casa continua invisível, mesmo que em proporções menores, mas elas continuam sendo as principais responsáveis por este trabalho. Uma pesquisa do IBGE sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho (IBGE/PME, 2008) revela que trabalho doméstico (em sua própria casa) ocupa 16,5% das mulheres e apenas 0,7% dos homens. Apesar de as mulheres terem entrado em massa no mercado de trabalho, a sociedade que iniciava uma caminhada democrática excluía e ignorava as mulheres. O trabalho feminino, considerado inferior ao dos homens, limitou-se inicialmente a cargos subalternos⁵.

Lipovetsky (1997) afirma que o pós-guerra foi um período de libertação para as mulheres,

principalmente através da publicidade. O consumo, a juventude e a beleza passaram a fazer parte do ser mulher e das obrigações da dona-de-casa. Segundo o autor esta promoção da mulher consumidora representou um novo modo de vida feminino e contribuiu para a “superação histórica do ideal da dona de casa”. Segundo Lipovetsky (1997), por volta de 1960 se inaugura um novo ciclo dominado pelo reconhecimento e valorização sociais, o que ele chama de um novo capítulo da história da democracia pós-moderna, o do pós-dona-de-casa⁶. A atividade feminina passou a ser uma aspiração “legítima”, passou a ser condição da existência feminina no mundo e a recusa de uma identidade constituída exclusivamente pelas funções domésticas (Lipovetsky, 1997, p.215).

O trabalho feminino passou a constituir a identidade feminina. “A mulher moderna é aquela que se caracteriza por construir sua identidade a partir do trabalho e compreender as relações entre ela e os homens como um fim em si mesmo” (Mattos, 2006, p.172). Lipovetsky (1997) também refere que no investimento feminino do trabalho, há muito mais do que um desejo de escapar do “gueto” doméstico, mas que esta é a nova exigência de afirmar uma identidade de sujeito.

No trabalho fora de casa é que as mulheres passaram a serem reconhecidas como sujeitos que contribuem como indivíduos para a sociedade, porque o trabalho, “tanto na sua dimensão econômica, quanto na sua dimensão existencial, seria para a mulher moderna sua principal fonte de reconhecimento social” (Mattos, 2006, p. 173). E a mulher moderna tende a procurar um reconhecimento autônomo de seu valor.

Tendo em vista os objetivos desta pesquisa, levamos em consideração que toda esta “carga” histórica e cultural, depositada nos ombros

femininos, hoje contribuem para a busca por valorização da mulher no mercado profissional. As mulheres estão cada vez mais conscientes dos seus papéis na sociedade, como mães, professoras, chefes, mas também são mais conscientes de suas próprias capacidades, direitos, são donas de si, de seus corpos, de seus desejos e vontades. A mulher moderna é reconhecida não apenas pelo seu trabalho, mas pela busca por identidades, múltiplas, e pelo reconhecimento como ser ativo na sociedade. No contexto desta pesquisa, ouvir e entender mulheres atuantes, bem sucedidas profissionalmente e ainda leitoras de revistas femininas, é buscar entender, além da ação, o que pensam e como pensam seu próprio papel ativo diante da mídia e também de uma sociedade em constante transformação.

O histórico familiar do trabalho

Para a pesquisa empírica (Oliveira, 2012), foram realizadas entrevistas em profundidade com quatro mulheres, bem sucedidas profissionalmente e leitoras de revistas femininas. O roteiro das entrevistas foi pautado por quatro momentos definidos: 1. O trabalho hoje; 2. Família e trabalho; 3. As revistas femininas; e 4. O trabalho nas revistas femininas. Detalharemos a seguir apenas o segundo momento das entrevistas em profundidade, por ter grande importância na vida das leitoras e por mostrar histórias de vida marcadas pela ascensão social geracional através do trabalho.

Em Gomes (2008, p. 214) vemos que a mediação aparece em Orozco como espaço primordial para compreender a interação entre audiência e o meio (revistas). Em sua concepção, ela é entendida como conjunto de valores, ideias, instituições e capacidades cognitivas responsáveis pelos processos de assimilação, rejeição,

negociação, resistência a que estão sujeitas as mensagens de massa. Orozco propõe que se entendam as mediações como:

Um processo estruturante que configura e reconfigura a interação dos membros da audiência com os meios, e com a criação [por parte da audiência] de sentidos dessa interação (Orozco, 1994, p.74).

A família aparece neste trabalho como uma mediação institucional. À *la Orozco*, interessa porque entendemos que as instituições sociais, principalmente a família e o trabalho, influenciam de maneira direta a produção de significado por parte das leitoras de revistas femininas, bem sucedidas profissionalmente, “lendo o trabalho” nestas revistas e pensando o trabalho em suas vidas. Isso é significativo porque as mediações institucionais atuam como comunidades de interpretação, ou seja, lugares desde os quais muitas das mensagens são interpretadas, ganham significado e produzem comunicação.

Lua, 43 anos, é diretora de uma escola infantil, está na carreira do magistério há 12 anos e concluiu o mestrado. Considera-se bem-sucedida profissionalmente porque está no cargo máximo dentro da escola onde atua. Ao ser questionada sobre a sua realização profissional, rapidamente afirma que se considera plenamente realizada. A entrevistada é enfática ao afirmar que o trabalho é vital e que não viveria sem trabalhar. Segundo ela, uma das características para o humano ser produtivo é o trabalho:

Porque se tu tiver uma vida tipo mulher só dona-de-casa, não é reconhecido. Hoje, na sociedade a *mulher só é reconhecida quando ela trabalha*, quando ela produz alguma coisa

para a sociedade. Tu ficar dentro de casa só lavando roupa, louça, fazendo comida, ninguém reconhece o seu trabalho. *Tu tem que ser produtiva para a sociedade.* (Lua, diretora, 48 anos)

Filha de estrangeiros portugueses, seus pais vieram para o Brasil ainda jovens, com 16 anos. A mãe foi analfabeta durante toda a vida e o pai estudou até a 4ª série. Segundo ela isso sempre foi uma motivação durante a sua infância, desejava poder estudar muito. O pai foi encanador e trabalhou em câmeras frias, a mãe era auxiliar de serviços gerais, trabalhava na balança de uma fábrica de peixes. Seus pais trabalhavam muito, saíam de casa cedo e voltam de noite, por isso ela se diz “criada” em colégios internos de freiras, porque na época não existia creche. A partir dos 12 anos já ficava sozinha em casa.

Lua foi criada sozinha, não teve irmãos na sua geração. Como os pais vieram de Portugal, não tinham família no Brasil, então ela não teve primos, tios ou familiares próximos. Teve sim uma irmã, já falecida, por parte de pai, mas que tinha uma diferença muito grande de idade e não houve convivência entre elas. Lua conta que seus pais já tinham uma idade avançada quando ela nasceu, o pai tinha 57 e a mãe 42: “Sou filha de vó”, devido a grande diferença de idade entre ela e os pais, “meu pai, se fosse vivo, teria 105 anos e a minha mãe, 90”.

Por um lado Lua foi muito incentivada pelos pais a estudar, “eles me criaram para o mundo”, não queriam para a filha a mesma vida dura de trabalho que levavam. Ela se compara a geração “de agora”, que tem acesso mais facilmente às coisas, no seu tempo, diz que precisava ir sozinha atrás do que queria. Começou a trabalhar com 15 anos como secretária para poder ter as coisas que queria.

Comparando a geração dos pais com a sua, acha que a principal mudança em termos de trabalho foram as oportunidades. Segundo ela a tecnologia desvalorizou o trabalho braçal, como os que os pais exerciam, e valorizou o aperfeiçoamento. “Meu pai era muito bem sucedido no que fazia, apesar de trabalhar muito, e tinha apenas a 4ª série”, ela reflete que hoje, com o mesmo estudo que o pai tinha, não seria possível ter uma boa oportunidade de trabalho.

Africana, 53 anos, é supervisora educacional em uma escola de educação infantil.

Com 32 anos de magistério, afirma considerar-se bem sucedida profissionalmente, pois já passou por todos os estágios e níveis do magistério, tanto em rede pública quanto particular. Diz estar feliz com o que faz atualmente e isso contribui para sentir-se bem sucedida, “caso contrário, não aguentaria”. Ser bem sucedida profissionalmente está diretamente relacionado ao prazer que se tem ao realizar sua atividade cotidiana.

O pai foi construtor, estudou até a 3ª série do Ensino Fundamental. A mãe foi na maior parte da vida dona de casa, porém Africana lembra que por um breve tempo ela chegou a trabalhar de merendeira em uma escola. Sua mãe concluiu o Ensino Fundamental. Segundo ela, a diferença da geração dos pais para a sua foi muito drástica. Seus pais trabalharam desde criança. A mãe estudou “até quando pode”, depois teria que sair de casa para estudar, porque moravam no interior. Já o pai parou de estudar justamente para trabalhar. Não era uma escolha, era necessidade.

Africana tem uma irmã, que concluiu o Ensino Médio e hoje trabalha como laboratorista. Os pais não influenciaram em suas escolhas, apenas incentivaram que estudassem. Sobre a relação com a irmã e suas memórias de infância,

ela conta que quando criança elas brincavam muito de “escolinha” na rua. Africana sorri com a memória: “Então, nós brincávamos de escola e a partir daí eu sempre dizia que eu ia ser professora, ia morar sozinha e ia comprar um carro. Era o que eu dizia. Era isso aí. (Risos)”

Fernanda, 32 anos, é coordenadora operacional. Sua formação acadêmica é em Turismo. Formada há 10 anos, ela nunca atuou na sua área, porque precisou trabalhar na Escola, fundada pelo seu pai. Investiu em cursos e especializações que lhe ajudassem ali, o que lhe permitiu uma ascensão profissional na empresa. Hoje Fernanda gosta do que faz, se sente bem sucedida por toda a sua trajetória de crescimento dentro da empresa, mas admite que, se pudesse escolher, não é o que gostaria de estar fazendo.

Filha de pais “determinados”, Fernanda fala com orgulho da sua história familiar. A mãe estudou até a quinta série, parou aos 14 anos para trabalhar em uma fábrica de calçados e fazia bicos sendo babá de um sobrinho. Ela retomou os estudos depois que a família abriu a Escola, então ela acabou o Ensino Médio. Hoje a mãe trabalha como secretária na Escola.

Já o pai, com muito esforço, conseguiu acabar o Ensino Médio. Apesar de querer, não teve a oportunidade de chegar a uma faculdade. A oportunidade da sua vida foi aprender com um tio, que tinha uma escola de datilografia em Porto Alegre. Isso possibilitou que ele tivesse a própria escola de datilografia em sua cidade, que ficou em atividade por cerca de 15 anos.

Como os pais nunca tiveram “estudo de verdade”, Fernanda conta que desde cedo sabia que tinha que fazer uma faculdade, por influência do pai que dizia que essa era a “herança” que ele deixaria para os cinco filhos. Fernanda conta que

quando o irmão mais velho, e depois ela, foram para a universidade, o pai não tinha como pagar, então eles tiveram que trabalhar para manter os estudos. Quando chegou a vez da irmã e dos dois irmãos mais novos, apesar de ter condições, seu pai optou por não pagar as faculdades para os filhos, por considerar que não seria justo com os dois primeiros.

Fernanda conta que sem o estímulo dos pais não teria estudado. Nunca gostou de estudar, e era praticamente “obrigada” pelos pais. Hoje ela concorda com a posição dos pais, que se ela quisesse um “futuro, um emprego bom, se quisesse me dar bem”, teria que estudar. Fernanda morou com os pais até os 30 anos. Saiu de casa e foi morar com a irmã. Comparando a sua geração com a dos pais, em relação ao trabalho, Fernanda acredita que a maior mudança foi a valorização da formação: “antigamente se tu tinha só Ensino Médio, tu conseguia um emprego bom. Hoje, só com Ensino Médio, tu não consegue muita coisa, não”, diz.

Bianca, 33 anos, é fonoaudióloga e atualmente cursa o doutorado.

Com dois filhos pequenos conta que se realiza sendo mãe, e que o doutorado hoje faz parte de uma formação para o futuro e não momentânea. O trabalho em sua vida é essencialmente ligado a autoestima, a uma autoafirmação, “mais, muito mais do que o dinheiro, é o reconhecimento”.

Filha de pai médico e mãe Supervisora Educacional, Bianca tem a lembrança dos pais trabalhando muito, sendo até ausentes, de certa maneira. O pai, pediatra, estava sempre alerta para qualquer chamada. Ela conta que havia uma porta que ligava o quarto dos pais à garagem, porque ele era constantemente chamado para urgências: “Fizeram a casa planejada pra ele atender plantão

de noite”. Bianca é enfática ao falar que o pai trabalha muito.

A mãe formou-se em filosofia, fez mestrado, trabalhou na universidade e por um longo tempo foi supervisora em uma escola, que é a lembrança de “professora” que Bianca tem da mãe. Depois de aposentar-se, passou a trabalhar em uma clínica de vacinas, junto com o marido, na qual atua até hoje: “eu acho que ela deve saber mais do que o meu pai das vacinas. Tá há 17 anos trabalhando nisso”. Da mãe, ela também tem a lembrança do trabalho em excesso, porém lembra que ela nunca foi apaixonada pelo trabalho, como o pai.

Assim como ela, as duas irmãs e o irmão também cursaram o ensino superior, em Psicologia, Desenho Industrial e Administração, respectivamente. Os pais, segundo ela, nunca deram indicativos de influência na área que cada um deveria seguir, o que Bianca até sentiu falta: “Porque eu chegava lá no hospital, o pessoal dizia, tu vai ser médica que nem o teu pai? Eu falava, não sei [...] Eu até às vezes via meus colegas, ah, eu vou ser médico porque meu pai é médico”. Bianca acredita que, apesar dos pais não terem influenciado as escolhas, dela e dos irmãos, todos eles foram influenciados pelo estilo da postura profissional dos pais: “na ética, no trabalhar correto, do ser honesto”, reflete.

Quando criança pensava em ser médica, tinha uma identificação muito forte com o trabalho do pai. Bianca teve uma vida confortável pelas condições financeiras da família, nunca precisou trabalhar para ajudar em casa, nem ajudar nos afazeres domésticos. Conta que a família sempre teve uma babá, que fazia tudo por eles, e que por isso eles não ajudavam “nem no que precisava ajudar”, “ela foi uma mãe para nós”.

Comparando, pelo viés do trabalho, a sua

geração com a dos pais, Bianca acha que para manter o mesmo padrão de vida que a família teve, hoje é preciso trabalhar muito mais: “De repente, eu tô sendo até injusta, porque eles trabalharam bastante”, mas acredita que hoje o trabalho é mais “difícil”. Na família de Bianca a maior mudança social aconteceu na geração dos seus pais. Ela reflete que a mudança entre a geração dos avós e a dos pais é muito maior do que a dos pais para a sua: “Com certeza a minha mãe e o meu pai, quando crianças, não tiveram todas as condições que nós tivemos”. Paralelo a isso, ela reflete sobre o consumo relacionado com o trabalho. Na geração dos avós, eles trabalhavam para ter o que precisavam e, segundo ela, hoje os padrões de consumo das pessoas exige que elas trabalhem mais, porque se cria uma ilusão de que é preciso muito mais do que se tem: “[...]hoje a gente quer muito. A gente quer viajar, quer ter um bom carro, com um bom ar-condicionado. Quer a melhor escola pro filho.” Ela diz que tem a impressão que hoje em dia “tem que passar mais tempo da vida trabalhando pra se ter o que quer. E aí quando tu pode ter as coisas que quer, não tem tempo pra usar”, conclui.

Considerações Finais

Como podemos ver, todas as entrevistadas possuem um histórico de ascensão social através do trabalho. Lua e Africana de maneira mais visível, visto que seus pais trabalhavam em subempregos, baseados no trabalho braçal, na maior parte da vida e não tiveram a oportunidade de estudar. Para ambas, o *ser bem sucedida* profissionalmente remete a um histórico de grandes conquistas pessoais ao longo de suas trajetórias, porque vivem uma realidade totalmente diferente da que viviam quando criança.

Já na entrevista com Fernanda, podemos

perceber que os pais já tiveram uma leve ascensão social, apesar de ambos terem parado de estudar para trabalhar. A mãe só pode concluir os estudos depois de criar os cinco filhos, quando a família já se encontrava em uma situação financeira melhor, principalmente em função do espírito empreendedor do pai. Hoje Fernanda trabalha na empresa da família, tendo como chefe o próprio pai, porém comparando as gerações fica evidente que o acesso ao ensino superior possibilitou uma ascensão social a ela e todos os irmãos, visto que todos são formados, possuem bons empregos e são independentes financeiramente. Segundo ela essa é a herança mais valiosa do pai: o estímulo ao estudo.

Na história de Bianca a ascensão ocorreu na geração anterior a sua, ou seja, seus pais obtiveram um sucesso maior que os avós, que não foram tão bem sucedidos e passaram por mais dificuldades que as gerações posteriores. Os pais de Bianca estudaram, a mãe concluiu o mestrado, o pai, médico, especializou-se em pediatria, foi uma realidade diferente das outras entrevistadas.

Este momento da entrevista em profundidade destacado neste trabalho nos remete à importância da família não apenas na formação dos sujeitos, mas na influência ativa através das suas histórias de vida. Lua e Africana visivelmente tratam suas profissões como a razão de suas vidas, porque foi difícil chegar até ali, porque viram os pais trabalharem muito por uma questão de sobrevivência, foi uma superação, um grande crescimento. Elas não titubeiam em se autodefinirem como bem sucedidas. Por outro lado, Bianca não é tão enfática, inclusive admite que nunca “apostou todas as suas fichas no trabalho”, mas sim na família. Neste caso, o trabalho dela é independente do sustento financeiro, visto que ao longo de sua vida teve

condições favoráveis, teve assumidamente tudo o que queria. Para não desmerecer seu próprio sucesso coloca na sua história de vida como um momento de autoafirmação, em que teve a certeza que podia exercer bem aquela função, mas sem exercê-la poderia viver tranquilamente e talvez mais feliz, porque poderia dedicar-se inteiramente à vida pessoal, ao cuidado dos filhos, o que é sua grande motivação de vida.

Enfim, a maneira como cada entrevistada se autodefine como bem sucedida e a importância do trabalho em suas vidas está diretamente ligada às suas histórias de vida, principalmente no exemplo ou legado familiar com relação ao trabalho. Os pais que passaram por momentos mais difíceis em função da baixa escolaridade, principalmente, incentivavam de maneira incisiva que as filhas estudassem porque somente a partir disso poderiam ter um futuro diferente. Já no último caso, os pais não insistiam tanto na formação, porque parecia algo natural e não uma obrigação ou necessidade para ter uma vida melhor.

Enfim, este foi apenas um momento da pesquisa empírica, que foi de grande importância para a totalidade da investigação de recepção, visto que a família, para Orozco (1991), pode ser vista como uma primeira comunidade de apropriação dos conteúdos midiáticos, porque é onde se negocia os sentidos entre a audiência e o meio, e entre os distintos membros da família. O processo de comunicação é perpassado por distintas atividades que não implicam um mero processamento mecânico da informação, mas um processo sociocultural que relaciona vivências, conhecimentos e informações prévias, valores e ações do sujeito enquanto receptor. A audiência não enfrenta a tela, ou as revistas, vazia de ideias, emoções, histórias e expectativas (Orozco, 1991).

Referências

GIDDENS, Antony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GOMES, Maria Itânia Mota. **Efeito e Recepção** A interpretação do proceso receptivo em duas tradições de investigação sobre os media. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004.

IBGE. **Algumas características da inserção das mulheres no mercado de trabalho 2003-2008**. PME/IBGE, 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_mulher/Suplemento_Mulher_2008.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2011.

IBGE. **O trabalho da mulher principal responsável no domicílio**. IBGE/PME. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/apresentacao_mulher_responsavel.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: Permanência e revolução do feminino**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

MATTOS, Patrícia. A mulher moderna numa sociedade desigual. In: SOUZA, Jessé (org.). **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

OROZCO, Guillermo. La audiencia frente a la pantalla. Una exploración del proceso de recepción televisiva. **Diálogos de la comunicación**, n. 30, ELAFACS, Lima: Peru,

1991. Não paginado. Disponível em <<http://www.dialogosfelafacs.net/wp-content/uploads/2011/10/30.pdf>>

OROZCO, Guillermo. Televidencias. Perspectivas para el análisis de los procesos de recepción televisiva. **Cuadernos de comunicación y practicas sociales**. Mexico: Universidad Iberoamericana, n.6, 1994.

OLIVEIRA, Janaina Cruz de. **O trabalho em revistas femininas: um estudo empírico com mulheres bem sucedidas profissionalmente**. 2012. 274f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

SULLEROT, Évelyne. **A mulher no trabalho**. História e Sociologia. Rio de Janeiro: Editora Expressão e cultura, 1970.

Notas

1 Jornalista, Mestre em Comunicação Social pela PUCRS (Bolsista Capes), membro do grupo GEISC. Email: janaina.cruzdeoliveira@gmail.com

2 Embora este termo possa ser usado para definir o feminismo como movimento social, não abordaremos diretamente esta questão. O

feminino utilizado neste trabalho é utilizado para questões referentes às mulheres.

3 Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

4 Durante a Reforma, o trabalho, desprezado pela Idade Média e pela igreja conhece uma transformação importante: Torna-se um valor humano de primeiro plano (SULLEROT, 1970, p.35).

5 Lipovetsky (1997) situa ainda um período no século XIX, na Europa, em que se difundiu um ideal de mulher-esposa-mãe-doméstica, que dedica sua vida aos filhos e à família. O autor a coloca como “deusa” do lar, como santa, como a guardiã, sacerdotisa, sagrada, fazendo alusão à importância que se deu a esta função neste período.

6 Em 1963 o livro *A mulher mistificada*, de Betty Friedan, provocou um choque cultural ao expor o “mal-estar indefinível” da dona-de-casa dos subúrbios americanos.